

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER**

LETÍCIA SPECHT

A COOPAR E A AGRICULTURA FAMILIAR: a percepção dos associados

**São Lourenço do Sul
2013**

LETÍCIA SPECHT

A COOPAR E A AGRICULTURA FAMILIAR: a percepção dos associados

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Eber Pires Marzulo

Coorientador: Tutora Lorena Candido Fleury

**São Lourenço do Sul
2013**

LETICIA SPECHT

A COOPAR E A AGRICULTURA FAMILIAR: a percepção dos associados

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof (a). Dr. Eber Pires Marzulo
Orientador
UFRGS

Prof (a). *****
UFRGS

Prof (a). Dr (a). *****
Instituição

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos ao Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que disponibilizaram um curso de graduação tecnológica a distancia.

A Deus por ter me abençoado em todas as tarefas do decorrer do curso.

Aos meus pais que me ensinaram desde pequena que se deve ir em busca de seus sonhos, a eles muito obrigada pela lição de vida.

A todos os professores que convivi durante os quase quatro anos de estudo, que se dedicaram tanto para passar muitos ensinamentos, principalmente ao Prof. Eber Pires Marzulo e a Prof^ª. Lorena Candido Fleury que foram figuras importantes na etapa de conclusão.

Aos meus colegas que no maior obstáculo sempre estiveram juntos, pelas risadas, brincadeiras e pela amizade.

Aos familiares e amigos que não diretamente, mas compreenderam a ausência muitas vezes.

Só resta dizer: MUITO OBRIGADO! Serei grata à vida toda a todos aqueles que me ajudaram a chegar à formatura!

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO:	9
2. AGRICULTURA FAMILIAR E COOPERATIVISMO	14
3. METODOLOGIA DE PESQUISA	18
4. MUNICIPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL	20
4.1 Caracterização da colonização	20
4.2 Caracterização geoambiental:	22
4.3 Caracterização sócio-econômica regional:	24
5. COOPAR.....	26
6. PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS EM RELAÇÃO À COOPAR.....	30
6.1 Perfil dos entrevistados	30
6.2 Relação entre associados e Coopar	32
6.3 Vantagens e desvantagens sob percepção dos associados	33
6.4 Sugestões e Comentários	35
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	40

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral: Qual a percepção dos associados em relação às ações desenvolvidas pela COOPAR para o fortalecimento da agricultura familiar? E como objetivos específicos utilizados para fundamentar a análise do objetivo geral são: a) apresentar uma revisão bibliográfica sobre o cooperativismo; b) apresentar uma análise sobre o município e seus aspectos históricos, culturais, econômicos, geográficos e econômicos; c) apresentar uma breve descrição da COOPAR e sua história; d) caracterizar as ações desenvolvidas pela Coopar, sob a percepção dos associados, procurando identificar as limitações e potencialidades das ações desenvolvidas em favor da agricultura familiar. A pesquisa possui caráter qualitativo e os dados foram obtidos através de entrevistas realizadas junto a 20 associados da cooperativa. O resultado obtido está relacionado às potencialidades encontradas são: preço justo para insumos e produtos a serem comercializados, insumos mais baratos do que em outros pontos de venda, mais proximidade com os agricultores, comercializam diversos produtos (milho, soja, feijão, leite), possibilidade de armazenar a produção para esperar por melhores preços, secagem de grãos, pagamento de insumos na safra. As limitações apontadas pelos associados entrevistados foram: melhor remuneração ao pequeno produtor de leite, muitos dos produtos comercializados são produtos de segunda linha e a taxa de juros cobrada nos pagamentos de safra é muito alta.

Palavras – chave: cooperativismo, agricultura familiar

ABSTRAT

The present work aims at General: what is the perception of the associates in relation to actions developed by COOPAR for the strengthening of family agriculture? And as specific objectives used to substantiate the general objective analysis are: a) present a bibliographical review about the cooperative movement; b) present an analysis of the municipality and its historical aspects, cultural, economic, geographic and economic; c) present a brief description of the COOPAR and its history; d) characterize the actions developed by the Coopar, in the perception of the Associates, seeking to identify the limitations and potential of actions developed in favor of family agriculture. The research has character and qualitative data were obtained through interviews with 20 members of the cooperative. The result obtained is related to potential found are: fair price for inputs and products to be marketed inputs cheaper than at other outlets, more closeness with farmers, selling various products (corn, soy, beans, powdered milk), possibility to store production to wait for better prices, grain drying, payment of crop inputs. The limitations pointed by the members interviewed were: better remuneration to the small producer of milk, many of the products marketed are products of the second row and the interest rate charged on payments of harvest is very high.

Key words: cooperative, family agriculture

LISTA DE TABELAS

Nº	Título da Tabela	Pag.
1	Caracterização dos Associados Entrevistados I	30
2	Caracterização dos Associados Entrevistados II	30
3	Escolaridade	30
4	Situação Fundiária	31
5	Principais Atividades desenvolvidas pelos Associados	31
6	Tempo (anos) de associação na Cooper	32
7	Vantagens	33
8	Desvantagens	34

LISTA DE FIGURAS

Nº	Título da Figura	Pág.
1	Localização do município de São Lourenço do Sul	22

1. INTRODUÇÃO:

O cooperativismo teve sua origem no século XX, com referencia a Europa, em especial a Inglaterra, pois naquele momento a sociedade vivia os impactos e as transformações da Revolução Verde.

A Revolução Verde foi um pacote tecnológico que trouxe consigo diversas mudanças como: o uso intensivo de fertilizantes e insumos químicos, sementes geneticamente modificadas, modernas técnicas agrícolas e maquinários sofisticados.

De acordo com Maia (2008, p.13), “a Revolução Verde, além de exigir capital e ser poupadora de mão de obra, dependia de recursos externos à propriedade, exigindo uma escala mínima de produção, o que conseqüentemente acarretou na exclusão de muitos agricultores familiares”.

As inovações da Revolução Verde causaram impacto principalmente para os agricultores familiares que ficaram atrasados e desinformados, principalmente aqueles que não adotaram as transformações ocorridas nas décadas de 60 e 70.

Os extensionista daquela época estavam focados em transmitir e incentivar os agricultores a adotar os diversos pacotes tecnológicos, pois assim obteriam melhores índices de produção e produtividade, e isto seria condição necessária para o desenvolvimento econômico. As mudanças ocorridas na agricultura brasileira, trazidas pela Revolução Verde, trouxeram impactos em diversos planos, ou seja, nos planos social, econômico e ambiental. Conforme Wojahn e Martinez (2008), as mudanças ocorridas foram:

No plano econômico temos o aumento da produção e da produtividade, o uso intensivo de bens de capital, como máquinas, adubos químicos, agrotóxicos e sementes alteradas geneticamente. No plano social destacou-se o êxodo rural e o surgimento de categorias sociais bem definidas: o empresário rural, o agricultor familiar capitalizado, o agricultor familiar descapitalizado e em processo de exclusão meeiros, parceiros, sem-terra, e um contingente de trabalhadores assalariados. No plano ambiental, o modelo tecnológico acelerou a destruição de importantes ecossistemas como o cerrado, o pantanal e ultimamente avançando sobre a região Amazônica e o pampa gaúcho (p.05).

Além dessas mudanças, a falta de acesso à informação, como dos produtores em buscá-la e participar de aspectos pertinentes, como as políticas públicas, leis ambientais, inovações tecnológicas, novas práticas agrícolas, também prejudicaram a população rural daquela época. É importante que os produtores tornem-se aptos a informação para que possam participar ativamente da vida em sociedade.

Conforme Bork (2011):

Atualmente, uma das melhores formas dos agricultores se defenderem e conseguirem progredir no competitivo mundo dos negócios e da vida é através da união entre pessoas que tenham um ideal comum; isto é, a união de pessoas em associações e/ou cooperativas. De um modo geral, estas entidades podem servir como instrumentos de revitalização de sentimentos tão esquecidos como solidariedade, companheirismo, divisão do conhecimento e da sabedoria na intenção de intervir na realidade de forma organizada (p. 10).

No momento em que as pessoas se unem em grupos maiores, elas conseguem facilitar o acesso à informação e a busca por políticas públicas, o poder de barganha frente a outras organizações, a construção e a defesa de princípios da comunidade e lutam por melhores condições de vida.

A criação de associações e cooperativas faz com que seus associados possam lutar e defender os objetivos de um determinado grupo, no contexto da agricultura, principalmente da agricultura familiar. Essas organizações permitem mudanças sociais locais. Elas fazem com que os atores sociais tomem consciência de seus direitos e deveres frente à sociedade, para que lute por eles.

Cooperativismo é um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico capaz de unir desenvolvimento econômico e bem estar social. Seus referenciais fundamentais são: participação, democrática, solidariedade, independência e autonomia (...). É o sistema fundamentado na reunião de pessoas e não no capital. Visa às necessidades do grupo e não do lucro. Busca prosperidade conjunta e não individual. Estas diferenças fazem do cooperativismo a alternativa socioeconômica que leva ao sucesso com equilíbrio e justiça entre os participantes (OCB, 2008 *apud* FACHIN, 2009, 9. 41).

As cooperativas representam a possibilidade de superação das dificuldades em torno das necessidades e objetivos comuns a uma determinada classe social. Conforme SCHNEIDER (2004, p. 14), cooperativa pode ser caracterizado como “um grupo de pessoas, grande ou pequeno, comprometido na ação conjunta, baseadas na democracia e no esforço próprio, visando prestar um serviço ou concretizar um acordo econômico, que seja socialmente desejável e proveitoso para todos os seus participantes”.

No Brasil, as organizações cooperativas foram regulamentadas pela lei 5764/71 e são conceituadas nos artigos 3º e 4º. O primeiro menciona que: “celebram contrato de sociedade cooperativa as pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivo de lucro”. O artigo 4º cita: “que as cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica própria, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos associados, distinguindo-se das demais sociedades”.

De acordo com o jornal O Interior (dez. 2012) em 2011 existiam no Rio grande do Sul 527 cooperativas ativas. Essas cooperativas somam 2.143.339 associados, isso significa que 59,7% da população gaúcha está ligada a cooperativas.

De acordo com LOPES (2006) existem hoje no Brasil 25 mil cooperativas, atuando em diferentes ramos de atividades econômicas que são: agropecuário, trabalho, crédito, saúde, transporte, habitacional, educacional, consumo, infraestrutura, educacional, produção, mineral, turismo e lazer e especial.

As cooperativas desempenham um importante papel no desenvolvimento econômico e social de seus associados em especial na agricultura. Quanto à questão econômica agrícola, os agricultores através das cooperativas passam a se inserir em mercados concentrados e de agregação de valor à sua produção e quanto à questão social, as cooperativas são muitas vezes a única forma de os agricultores se organizarem.

Os benefícios das sociedades cooperativas estão associados à promoção da redução dos custos por meio de melhor poder de barganha na aquisição de insumos, às economias de escala, e à melhoria da posição de barganha no mercado.

A organização cooperativista tem como objetivo fortalecer os pequenos produtores filiados, mas isto só é alcançado quando seus princípios são seguidos. Através da Cooperativa o cooperado obtém benefícios que sozinho seriam quase impossíveis de conseguir, como facilidade na obtenção de crédito, garantia de venda de seu produto, insumos mais baratos, qualificação de seu produto, assistência técnica (agrônomo, veterinário, administrador) e isenção de tributos.

Sendo assim, os agricultores brasileiros encontram na organização cooperativista uma forma de amenizar suas dificuldades, perceberam que com a união das forças seria mais fácil sobreviver e competir em um mercado onde existe tanta desigualdade. Uma cooperativa com representatividade, ou seja, composta por cooperados atuantes e empenhada através da participação, com visão coletiva e acima de tudo principais defensores do seu negócio, com certeza só colherá bons frutos e muito sucesso para todos os envolvidos, basta que estes acreditem.

O Secretário da Agricultura familiar do MDA, Laudemir Muller falou sobre o cooperativismo na agricultura familiar em um seminário realizado em setembro de 2011 em Brasília:

“o cooperativismo é instrumento fundamental para desenvolver o negócio da agricultura familiar. Não podemos só produzir, temos que comercializar. Avançamos muito nesse sentido, mas temos que avançar muito mais na

organização econômica da agricultura familiar. A melhor forma de fazer essa organização é pelo cooperativismo”.

Este trabalho tem foco voltado para a percepção dos associados em relação ao cooperativismo, mais precisamente a pesquisa visa atender o seguinte objetivo geral: Qual a percepção dos associados em relação às ações desenvolvidas pela COOPAR para o fortalecimento da agricultura familiar? E como objetivos específicos utilizados para fundamentar a análise do objetivo geral são: a) apresentar uma revisão bibliográfica sobre o cooperativismo; b) apresentar uma análise sobre o município e seus aspectos históricos, culturais, econômicos, geográficos e econômicos; c) apresentar uma breve descrição da COOPAR e sua história; d) caracterizar as ações desenvolvidas pela Coopar, sob a percepção dos associados, procurando identificar as limitações e potencialidades das ações desenvolvidas em favor da agricultura familiar.

A COOPAR Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul, possui sua matriz localizada em Boa Vista, interior do município de São Lourenço do Sul/RS.

A COOPAR foi fundada em maio de 1992 por 41 sócios. Hoje (2013) ela conta com cerca de 3000 associados de diversas regiões como São Lourenço, Pelotas, Cristal e Canguçu. A cooperativa trabalha com secagem e armazenagem de grãos (milho e soja), beneficiamento de feijão, postos de combustíveis, unidade de atendimento com venda de insumos (agrotóxicos, fertilizantes e produtos veterinários) e, além disso, a Coopar presta assistência técnica para famílias associadas, possuindo também uma indústria de laticínios onde são fabricados queijos, bebida láctea, ricota, creme de leite e doce de leite.

Em linhas gerais os agricultores enfrentam dificuldade para comercializarem seus produtos, dificuldade frente à definição dos preços dos produtos, dificuldade para escoar a produção, muitas vezes os agricultores acabam por cair na mão de atravessadores que se aproveitam para obterem mais lucro, alto custo de insumos, intensificação do capitalismo e individualismo das pessoas são problemas encontrados pelos agricultores familiares. Por isso, propõe-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento: qual a percepção dos associados em relação às ações desenvolvidas pela COOPAR para o fortalecimento da agricultura familiar?

A importância deste trabalho deriva da relevância que o cooperativismo tem para a Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul e o papel que representa para os produtores associados. Por outro lado, o trabalho traz elementos importantes que podem servir para trabalhos posteriores, que visam fortalecer os pontos positivos e reduzir as dificuldades

encontradas pela cooperativa COOPAR para continuar contribuindo para o desenvolvimento rural de São Lourenço do Sul e arredores.

O município de São Lourenço do Sul foi escolhido para pesquisa uma vez que o setor primário, basicamente agricultura familiar, 1) possui grande relevância para o desenvolvimento econômico de município, por 2) ter um grande número de cooperativas que atuam em diversos setores (estudantes, agropecuárias, de pesca, artesanais), pela 3) necessidade de se realizar pesquisas desse tipo, visto que até o momento são poucas as pesquisas realizadas no município, principalmente sobre a percepção dos agricultores.

A Coopar foi escolhida para estudo por ter tradição, por atender as necessidades básicas da agricultura familiar, pela pesquisadora residir na área de atuação, pelos pais serem associados da cooperativa, pelo Estágio Supervisionado II ter sido realizado na Indústria de Laticínios e pela cooperativa ter suas ações voltadas ao desenvolvimento da agricultura familiar.

2. AGRICULTURA FAMILIAR E COOPERATIVISMO

De acordo com Pereira (2008) cooperar vem do latim *cooperari*, que significa operar junto com alguém, prestar auxílio para um fim comum. Já em cooperativismo, o sufixo *ismo*, de origem grega, denota sistema doutrina e também estado ou situação. Portanto, cooperativa significa aquela que coopera.

O surgimento do cooperativismo, segundo os autores Wojahn e Martinez (2008) e Maraschin (2004), ocorreu na Inglaterra em 1844, na cidade de Rochdale. Naquela época, os tecelões lutavam contra os altos custos dos produtos em período de intensas mudanças com a Revolução Industrial e a fundação de uma cooperativa de consumo foi um mecanismo que os trabalhadores encontraram para se defenderem do desemprego e dos baixos salários.

Segundo os mesmos autores citados no momento da fundação da cooperativa foi redigido um documento que teve a denominação de Estatuto dos Probos Pioneiros de Rochdale (WOJAHN e MARTINEZ, 2008; MARASCHIN, 2004). Esse documento norteia até hoje o cooperativismo e possui os seguintes princípios: adesão e desligamento livre; neutralidade política e religiosa; pagamento de juros limitado ao capital; distribuição dos ganhos proporcionalmente entre os associados, conforme suas operações; estabelecimento de quotas de reserva para o aumento do capital, intercoperação e educação cooperativista para preparar as futuras gerações e a continuidade do sistema; gestão democrática; vendas a vista dos bens de consumo.

No Brasil a evolução formal do cooperativismo se deu com a Organização das Cooperativas (OCB) criada em 1969. De um modo geral, isso foi uma forma do Estado brasileiro incentivar o surgimento de cooperativas rurais para a incorporação do Brasil no capitalismo mundial, a partir da sua vocação agrária (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 1996).

Nos anos 1990 foram criadas a Secretaria Nacional do Cooperativismo (Senacoop) e o Conselho Nacional do Cooperativismo (CNC). Em 1998, o governo editou a Medida Provisória nº 1715 que criou o Programa de Revitalização das Cooperativas (Recoop) que visava reestruturar econômica e administrativamente as cooperativas para que se adaptassem ao competitivo mercado e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo que “desempenha para as cooperativas o mesmo papel que o SEBRAE desempenha para as empresas” (SEBRAE MG).

Hoje, no Brasil, existem 1519 cooperativas agropecuárias, que contam com 940.482 associados e 110.910 empregados. Estas cooperativas exportam por ano US\$ 1,09 bilhões contribuindo para o desempenho positivo da balança

comercial brasileira. No RS são 162 cooperativas agropecuárias, que possuem 160.040 associados e empregam 19.498 pessoas (MARASCHIN, 2004, p. 28).

Nas cooperativas as pessoas buscam seus princípios em ações sociais e se mobilizam para superar dificuldades em função de um interesse comum a determinada classe social.

O cooperativismo antes de ser considerado um conceito é uma prática que beneficia as transformações da sociedade, promovendo positivamente as relações comerciais e de trabalho.

Define-se cooperativa como uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida (...) são criadas para servir, fornecer serviço confiável e de boa qualidade. Seu estatuto deve conter a forma como o associado participará dela, com suas obrigações e direitos. A cooperativa não deve frisar o lucro, deve ter o objetivo de eliminar a intermediação entre o associado e o tomador (GIOVANELA, 2009, p. 44).

Para RIBEIRO e SILVA (2011):

O cooperativismo é considerado uma prática que surgiu com o intuito de defender os trabalhadores face à precarização das relações de trabalho oriundas do modo de produção capitalista. Portanto, o movimento cooperativista deve ser visto como um movimento social que surgiu com o despertar do sistema capitalista, no final do século XVIII e início do século XIX. (RIBEIRO e SILVA, 2011).

No período que vai do final do século XVIII e início do século XIX, a sociedade vivia o impacto das transformações no mundo do trabalho dentro da chamada Revolução Industrial. As transformações ocorridas foram marcadas por relações de conflito entre trabalho e capital, provocadas pelas péssimas condições de trabalho que levaram a classe operária a se organizar de forma associativa, contrapondo-se às novas imposições do mercado formal de trabalho provocado pelo modo de produção capitalista.

As mudanças ocorridas foram motivadas por uma convergência entre: I) o acelerado processo de globalização; II) a reestruturação da cadeia produtiva nacional, motivada pela abertura comercial no início da década para combater a entrada do produto importado; III) o processo de privatização, devido à tentativa do governo em reduzir o déficit primário. Isso fez com que os trabalhadores fossem extintos do mercado formal, obrigando-os a voltarem para seu país de origem. (SINGER, 2003).

Segundo Rosa (1999), os agricultores familiares não conseguiram acompanhar as alterações do cenário econômico naquele momento, devido à entrada de grandes volumes de produtos estrangeiros, atrelados à inserção de novas tecnologias, tendo como consequência perda de competitividade frente aos concorrentes estrangeiros. Nesse mesmo período a

agricultura brasileira, que antes era protegida, tornou-se exposta a concorrência internacional. Essa situação traduziu-se num alto nível de desemprego e baixa qualidade de vida do trabalhador rural.

Atualmente, o surgimento do cooperativismo constitui-se numa incessante busca pela melhoria da qualidade de vida do agricultor familiar, colocando-se como meio alternativo de desenvolvimento local. O cooperativismo se caracteriza como uma forma de produção e distribuição de riquezas baseados em princípios como a ajuda mútua, a igualdade e a democracia.

O cooperativismo tem como principal meta a busca por maior retorno financeiro, a utilização de uma estrutura comum e troca de experiências.

Para RIBEIRO e SILVA (2011):

O cooperativismo apresenta-se como conceito de correlação às definições dos capitais: humano, social e empresarial, fatores esses que se tornam fundamentais para a promoção do desenvolvimento local. (RIBEIRO e SILVA, 2011, p. 3).

De acordo com Wojahn e Martinez (2008, p. 06) “a agricultura familiar no Brasil depende de sua capacidade de organização cooperativa. Porém chegar à formação de Organizações Cooperativas voluntariamente organizadas e democraticamente controladas por seus integrantes continua a ser um grande desafio”.

Quanto à função social, o cooperativismo tem como meta a redução da pobreza e o combate à precarização das condições de vida de seus cooperados, assumindo assim um compromisso com a promoção do desenvolvimento local da agricultura familiar, inclusão social e produtiva e a redução do nível de desemprego. (SINGER, 2003). O cooperativismo se torna eficaz quando propicia melhoria na qualidade de vida, incremento da renda familiar e melhoria nas condições de trabalho aos agentes locais envolvidos.

O desenvolvimento local envolve pessoas e suas aptidões, seu papel relevante é o fato de que as ações da cooperativa não têm um dono e sim ser de todos os associados, fato esse que se assemelha com a característica principal das cooperativas serem empreendimentos de propriedade coletiva e democraticamente gerida, nelas predomina a livre admissão, onde o nós prevalece de forma participativa na construção do bem comum.

De acordo com RIBEIRO e Silva (2011, p.03):

O desenvolvimento local por sua vez tem uma acentuada relação com o princípio do movimento cooperativista, visto que a preocupação com a comunidade é que sustentará no futuro a cooperativa e irá permanentemente necessitar para comandar os seus diferentes sistemas sociais, políticos, culturais e econômicos.

As cooperativas desempenham um papel fomentador do desenvolvimento econômico pela mediação e articulação que exerceram entre os diferentes agentes econômicos, sendo braços importantes para a integração do setor produtivo ao mercado. As cooperativas servem como um elo de comercialização entre o agricultor e o mercado.

As cooperativas são organizações que oferecem que uma importante contribuição para o desenvolvimento econômico.

Em São Lourenço do Sul, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 80% dos produtores do município são de agricultura familiar.

Segundo CREMONESE e SCHALLENBERGER (2005, p. 51) “o modelo familiar de produção pode ser caracterizado como aquele em que a direção do processo produtivo está assegurada diretamente ao proprietário da terra, onde a própria força de trabalho e a gestão da propriedade estão a cargo da mesma pessoa ou do mesmo núcleo familiar”.

A partir das definições acima, pode-se dizer que a agricultura familiar representa uma fatia considerável no universo da agricultura brasileira, concentrando mais de 84% das propriedades agricultáveis do Brasil.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Em linhas gerais podemos caracterizar uma pesquisa como sendo:

Um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 12).

A metodologia é a explicação minuciosa de como a pesquisa foi realizada. Neste item é apresentado um método dos procedimentos adotados para a realização desta pesquisa.

A pesquisa realizada possui uma natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de uma organização. Os pesquisadores que utilizam o método qualitativo buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos e se valem de diferentes abordagens. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. No caso desta pesquisa, ela busca a compreensão da relação entre os produtores, cooperativa e o fortalecimento da agricultura familiar.

A pesquisa se fundamenta no método qualitativo, mas utiliza-se de métodos quantitativos para complementar a pesquisa de forma que se possam obter dados necessários para a pesquisa. Para esta pesquisa foi utilizado uma amostragem de 20 associados para buscar informações, dados, que representam os 2950 associados da cooperativa em estudo.

A escolha dos associados para a pesquisa se deu pelo critério de localização próxima a sede da Coopar, associados que tinham disposição de responder as questões com clareza, alguns deles que são considerados sócios fundadores da cooperativa, e pessoas que realmente trabalham com a cooperativa e que utilizam os serviços disponibilizados por ela.

Cabe ressaltar que na maioria dos casos as esposas conheciam bem o relacionamento e o funcionamento da Coopar, então eram consideradas aptas a participarem do processo, pois em muitos casos uma pessoa por residência era associada.

De acordo com GERHARDT e SILVEIRA (2009, p. 35), a pesquisa quanto à natureza possui natureza aplicada, pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução dos problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Optou-se pela pesquisa aplicada por ser uma situação em que seus resultados podem ser aplicados na busca

de melhorias para a entidade e seus serviços. A pesquisa possui trabalho de campo, isto é, produz dados primários.

Quanto aos procedimentos, essa pesquisa é um estudo de caso, pois:

Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõem ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 39).

Os dados foram obtidos das seguintes formas: pesquisa bibliográfica, documental, eletrônica e entrevista semiestruturada e a análise consistiu na reunião de todas as respostas encontradas nas entrevistas. O formulário é “uma coleção de questões que são formuladas e anotadas por um entrevistador, numa situação face a face com o entrevistado” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 71), e a entrevista semiestruturada acontece quando “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite e às vezes até incentiva que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do principal” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

A primeira etapa é constituída pela construção da questão inicial, da exploração do tema e pela problemática.

A segunda etapa foi à construção do roteiro de entrevista, com questões que permitissem o alcance dos objetivos da pesquisa.

A terceira etapa consistiu em uma pesquisa de campo, realizando as entrevistas conduzidas pelo roteiro de pesquisa e em conversas informais. Essas conversas foram realizadas com representantes da cooperativa e associados que abertamente se dispuseram a ajudar na elaboração deste trabalho.

4. MUNICIPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL

4.1 Caracterização da colonização

Com a Revolução Farroupilha, a navegabilidade do Rio São Lourenço, que se comunicava com a Lagoa dos Patos, mostrou ser uma realidade. José Antônio Oliveira Guimarães, nascido em Rio Grande – RS, era proprietário de uma casa senhorial na margem esquerda do rio, avistou barcos comandados por Giuseppe Garibaldi singrarem nas águas. Foi então em 1850, que doou um oitavo de légua da sesmaria para a criação da Vila de São Lourenço.

Em 1856, aconteceu efetivamente o surgimento da Vila de São Lourenço através de uma parceria entre Oliveira Guimarães e Jacob Rheingantz. Jacob Rheingantz era um ávido comerciante, nascido em Sponheim que percebendo a navegabilidade do rio, a curta navegação do lago até o porto de Rio Grande, propiciava a instalação de uma colônia.

Rheingantz foi ao Rio de Janeiro, capital do Império, onde assinou com o Governo Imperial um contrato de aquisição de terras para fins coloniais. O contrato previa a compra de oito léguas de sesmaria de terras devolutas na Serra dos Tapes, e comprometia-se a realizar sua completa medição em 5 anos. No mesmo período Jacob foi obrigado a povoar essas terras com imigrantes belgas, suíços ou alemães, que não poderia ser inferior a 440 pessoas. O auxílio de transporte que o Império fornecia estava condicionado a esse número mínimo.

Rheingantz sem capital para realizar o empreendimento entrou em contato com José Antônio de Oliveira Guimarães e formaram uma sociedade para a fundação da colônia de São Lourenço, em contrato lavrado na cidade de Rio Grande em 15 de março de 1857.

Rheingantz ficou responsável pela busca dos imigrantes na Alemanha e, para tanto, contrataria a firma agenciadora de imigrantes Wilhelm e Cia, de Hamburgo. Oliveira Guimarães obtinha capital junto a terceiros, que viam no negócio um bom investimento. Em 8 de julho de 1857 foi contratado o engenheiro militar Carlos Otto Knüppeln que faria a medição completa e a localização dos lotes coloniais que os imigrantes iriam receber e preparou os alojamentos em São João da Reserva, onde ficariam abrigados os colonos até conseguirem habitar seus lotes. Ele também providenciou o transporte dos colonos até suas terras e dotou as propriedades com animais domésticos e ferramentas. A parceria entre Guimarães e Rheingantz durou cinco anos, tendo ficado a cargo de Rheingantz a administração da colônia de São Lourenço.

A viagem levou mais de dois meses, iniciada em 31 de outubro de 1857, quando uma leva de homens e mulheres deixam suas terras de origem e partem para terras totalmente cobertas por matas virgens. A viagem teve fim em 18 de janeiro de 1858.

Os motivos que levaram os imigrantes a deixarem suas terras forma a dificuldade econômica e muitas pessoas viviam em estado de penúria. Foram diversas as dificuldades aqui encontradas, mas os imigrantes formaram um povo unido, forte e lutador.

O município de São Lourenço do Sul situa-se na margem ocidental (oeste) da Lagoa dos Patos, sendo atravessado em grande parte pela Serra dos Tapes.

A sede do município ocupa uma posição privilegiada por se encontrar entre as duas maiores cidades do Estado, Porto Alegre (201,2 Km) e Pelotas (59,2 Km).

A superfície atual do município de São Lourenço do Sul é de 2036,134 Km², sendo que sua sede, a cidade propriamente dita ocupa 13,5 Km², sendo que a área rural ocupa 74,5% da superfície. A rodovia federal BR116 divide a zona da campanha da zona colonial.

O município de São Lourenço do Sul faz divisa com 5 municípios: ao norte com Cristal e parte de Camaquã; ao sul com Turuçu e Pelotas; a oeste com Canguçu; e a nordeste também com Camaquã. A Lagoa dos Patos banha nosso município a sudeste, desde a foz do rio Camaquã até a foz do arroio Turuçu.

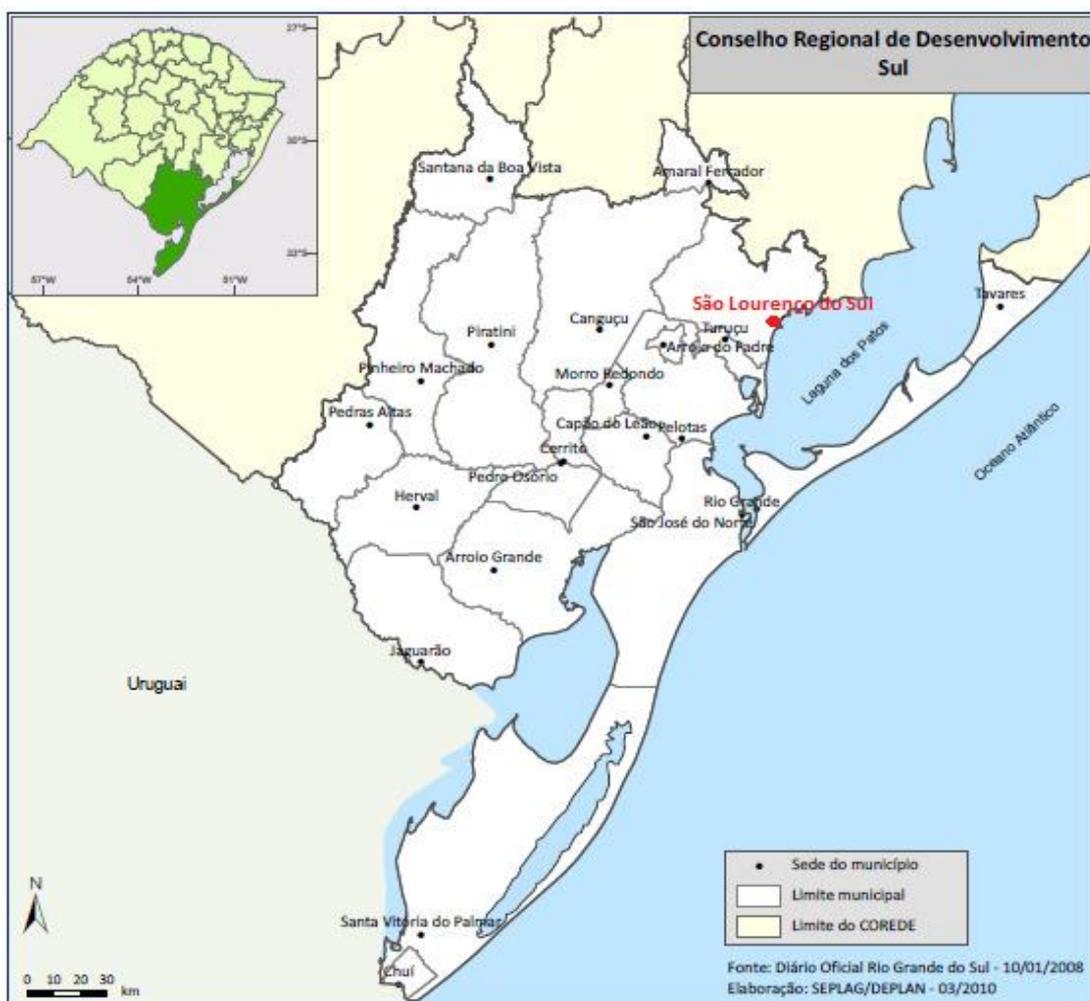


Figura 1: Localização do Município de São Lourenço do Sul. Imagem do Google.

De acordo com a Sinopse do Censo Demográfico, 2010 realizado pelo IBGE, o município apresenta uma população de 43111 habitantes, havendo uma densidade demográfica de 21,17 hab./Km². Na zona urbana vivem 24237 pessoas e na zona rural vivem 18874 pessoas. A taxa de urbanização é de 53,7% (IBGE, 2010).

4.2 Caracterização geoambiental:

São Lourenço do Sul tem um clima que faz parte da faixa subtropical, estando situado na transição do clima tropical para o temperado, pois se encontra entre o Trópico de Capricórnio e o Circulo Polar Antártico, o que faz haver em nosso meio um clima subtropical com chuvas durante todo o ano e com verões quentes.

A Massa Polar Atlântica Central atua direto sobre nossa região, provocando quedas de temperatura e precipitações. Se ela atingir nosso Estado soprando de sudoeste, toma o nome

específico de Minuano que em geral dura 3 dias. Se esse vento veloz e frio for acompanhado de chuvisqueiro é chamado regionalmente de Pampeiro.

A região de São Lourenço do Sul é bem susceptível a ação desses ventos, pois se encontra numa planície costeira onde não há “quebra-vento” – como acontece em regiões rochosas e montanhosas.

No inverno é frequente a ocorrência de geada, devido às baixas temperaturas e a nossa temperatura média anual gira em torno de 17 a 18 graus centígrados, com extremos no verão podendo beirar 40 graus a sombra e no inverno a alguns graus negativos à noite.

As chuvas de granizo ocorrem raras vezes no município. No inverno ocorre o aparecimento de neblina. As precipitações anuais oscilam entre 1200 e 1300 mm, distribuídas ao longo das estações, podendo o Máximo e o mínimo da pluviosidade ocorrer em qualquer estação do ano, havendo, porém tendência para a ocorrência de cheias na primavera e secas no verão.

Na região geográfica onde se situa o município de São Lourenço do Sul já foram tanto a flora quanto a fauna exuberantes, especialmente equilibradas na época em que os indígenas aqui habitaram. Com a chegada do homem branco – predador natural dos animais e destruidor compulsivo das matas – várias espécies de animais e plantas escassearam ou desapareceram completamente.

A flora e a fauna do município de São Lourenço do Sul são praticamente a mesma em todo o estado do Rio grande do Sul.

Na fauna de São Lourenço do Sul se destacam os mamíferos, as aves, os répteis, os aracnídeos, os insetos, os crustáceos, os moluscos e os anfíbios e na flora se destacam as matas, os campos e os banhados.

A vegetação predominante é a de formações herbáceas rasteiras, estando também presentes arbustos e algumas árvores baixas nos campos formando os chamados “capões”, além das matas com espécies bem diversificadas.

A vegetação no território do nosso município pode ser dividida em três regiões: a das zonas baixas desenvolvidas nos banhados e no leito arenoso plano ou em dunas de baixa altitude; a dos campos nativos onde se desenvolvem diversas espécies nativas de baixa estatura; e a das florestas onde se desenvolvem espécies de maior estatura (HAMMES, 2009, v. 1, p. 78-80).

O município de São Lourenço do Sul é constituído por regiões de serra, coxilha e planícies. A serra abrange 41% tem relevo fortemente ondulado e solos rasos e pedregosos. Ela foi ocupada por colonos de origem alemã que desenvolveram uma agricultura intensiva

com desmatamento generalizado e sem tratos culturais preventivos a erosão. As coxilhas atingem 24% tem relevo ondulado e solos profundos, sendo ocupados por uma agricultura mais tecnificada. As planícies ocupam 34% tem solos úmidos ocupados pela pecuária e pela produção de arroz irrigado.

As terras mais apropriadas para a agricultura intensiva situam-se nas lombadas porque têm atenuadas limitações de susceptibilidade à erosão que ocorre nas terras onduladas e o excesso de hidromorfismo das planícies. Nas coxilhas e colinas situam-se as terras favoráveis ao desenvolvimento dos cultivos anuais (trigo, milho, soja, etc.) com restrições, principalmente quanto à erosão. As planícies mais rentáveis são excelentes para a cultura do arroz.

Referente ao uso agrícola, apenas 46% das terras situadas na serra são próprias para cultivos anuais, com problemas de conservação do solo. Das coxilhas às lombadas representam 37% do total da área municipal existindo terrenos mais favoráveis a uma agricultura diversificada, com problemas de conservação que são agravadas com alternância do relevo. As várzeas, favoráveis ao cultivo de arroz irrigado e culturas resistentes a umidade do solo, representam 15,5 do total do município e 7% das áreas podem sofrer inundações (HAMMES, 2000, p. 58-59).

4.3 Caracterização sócio-econômica regional:

O trabalho dos imigrantes alemães é responsável por trazer ao município a diversidade de produtos. A economia do município está ligada ao setor primário: agricultura, pecuária e pesca. Nas propriedades agrícolas predomina o minifúndio, salientando-se a policultura.

A pecuária, apesar da qualidade dos rebanhos, vem, aos poucos cedendo lugar à agricultura (especialmente a cultura do fumo). Ambas as atividades são um importantíssimo fator de riqueza para o município.

Além das atividades agropecuárias, vem crescendo nas últimas décadas a atividade turística, principalmente no verão devido à sua privilegiada situação geográfica, junto a Lagoa dos Patos.

O setor secundário é caracterizado em São Lourenço do Sul por pequenas agroindústrias familiares, indústrias de laticínio e de pescado e beneficiamento de grãos.

A estrutura fundiária do município de São Lourenço foi definida a partir da colonização, dominada pelos minifúndios. Conforme os dados do INCRA (1998), 57.7% das propriedades rurais do município têm menos de 200 hectares. Nos 42,3% restantes da área,

encontram-se as propriedades com mais de 500 hectares (28,08%) e aquelas com mais de 1000 hectares (17,41%).

No total, existem no município 3.938 estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2006), distribuídos em 151.784 ha; e 45,5% das terras se ocupam de lavouras temporárias, principalmente de milho, arroz, soja e fumo. A maioria das propriedades utiliza o plantio convencional, que se baseia na aplicação de tecnologias e técnicas que visam à maximização da produção, provocando alto impacto sobre o ambiente.

As principais atividades agrícolas exploradas com mais intensidade no município de São Lourenço do Sul são a cultura do fumo, o milho e a soja, a produção de leite fica em segundo plano por ser uma atividade paralela a do fumo e do milho, pois visa renda mensal e é considerada por muitos produtores como uma renda extra (Hammes, 2000, p.155-169).

5. COOPAR

O surgimento da COOPAR está diretamente ligado ao trabalho realizado pelo Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – CAPA. O CAPA começou suas atividades em 1982 e se intensificou a partir de 1985 com a instalação de um escritório em São Lourenço do Sul.

Naquela época não existia organização por parte dos agricultores, como associações comunitárias no meio rural, quem dava auxílio técnico na área da agricultura, saúde e formação eram os pastores da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil.

A comercialização era o principal problema enfrentado pelos agricultores. Os pequenos comércios existentes e intermediários não conseguiam mais responder as necessidades de mercado para os produtos, como milho, feijão, batata, cebola, alho e hortaliças. A falta de perspectivas de comércio firme para estes produtos estava se tornando um fator de desestímulo para sua produção e o fumo cada vez era mais visto como única alternativa para a pequena propriedade.

A partir desse momento foi percebida que a necessidade de organização por parte dos agricultores era fundamental para a busca de novas alternativas. Assim em 1988 começaram a surgir as primeiras associações. O CAPA viu que junto com os agricultores organizados era possível enfrentar o desafio da comercialização. A primeira atitude tomada foi a compra de um caminhão e a primeira experiência de comercialização se deu entre os agricultores e consumidores urbanos de Pelotas. Os agricultores tinham a frente uma engenharia que os representava na discussão de preços, quantidades e entregas. A ideia era muito boa pequenos agricultores vendendo seus produtos diretamente para os moradores da cidade. Porém os problemas venceram a boa vontade e a experiência fracassou, mas o que não fracassou foi a disposição dos agricultores em buscar outros caminhos (WOJAHN, 2010, p.1)

Outros pontos foram explorados como os Pontos da Feira em Porto Alegre, onde os agricultores comercializavam produtos como batata inglesa, alho, feijão e cebola. Em 1991, a CEASA abriu uma filial em Pelotas e os agricultores organizados disputavam espaço. O espaço foi adquirido e os volumes comercializados eram cada vez maiores, mas acabou por que o processo exigia um nível maior de organização.

Com isso era preciso buscar um novo patamar de organização para a comercialização, especula-se a ideia de formar uma cooperativa.

A discussão se estendeu durante três anos, mas em 1992, um grupo de aproximadamente 200 famílias resolveu por a ideia em prática.

Primeiramente o CAPA adquiriu uma área com 4,3 hectares de terras em Boa Vista, estas terras foram doadas mais tarde para a COOPAR.

O ato de inauguração da COOPAR aconteceu em 30 de maio de 1992, com a presença de apenas 41 pessoas que foram considerados sócios fundadores da cooperativa.

A COOPAR está localizada em Boa Vista – 6º Distrito de São Lourenço do Sul, frente a estrada RS265 que liga São Lourenço a Canguçu e por estar localizada nesta via que está sendo asfaltada, facilita e reduz custos com a logística para o recebimento da matéria prima, insumos e embalagens, e para envio dos produtos processados na cooperativa.

A busca por menores preços, melhores condições de pagamento e de escoamento da produção, são os principais objetivos que fazem a cooperativa atuar no mercado. A Coopar trabalha com diversos produtos tais como: milho, soja, feijão, leite e comercialização de insumos agrícolas (agrotóxicos, fertilizantes, sementes, ferramentas, minerais...), rações para os mais diversos animais (aves, gado leiteiro, de corte, suínos, equinos...) e insumos veterinários. A cooperativa possui uma equipe de técnicos bem qualificados que prestam assistência diária para a produção agrícola em geral, uma equipe de médicos veterinários que atendem tanto na sede quanto na casa dos associados. Entre as atividades desenvolvidas pela cooperativa se destacam o beneficiamento de feijão convencional e orgânico, secagem e armazenagem de milho e soja, beneficiamento de leite, através de uma beneficiadora de leite própria localizada em Boa Vista, distante cerca de 500 m da sede matriz. Os produtos da cooperativa, feijão e leite, possuem a marca Pomerano.

A cooperativa possui atualmente como infraestrutura o prédio onde funciona o centro administrativo e o ponto de comercialização, este que foi o primeiro prédio adquirido pela cooperativa; o prédio onde ocorre o recebimento, limpeza, seleção, embalagem e armazenagem de feijão está equipado com maquinários especiais para desenvolver essas atividades; o prédio onde estão armazenados os defensivos químicos fica localizado separadamente dos demais prédios; em outro prédio parte é destinado para alimentação dos funcionários e a outra parte serve como depósito para armazenagem de rações; em outro prédio juntamente com os silos de armazenagem de grãos se dá a recepção, pesagem, retirada de impurezas e da umidade, secagem para que posteriormente os grãos possam ir para o silo e ali ficam armazenados esperando para serem comercializados. A cooperativa também possui um posto de combustível “Posto Coopar Megapetro” que comercializa combustível, óleos, lubrificantes e baterias. Ao lado do posto está localizado um quiosque onde ocorrem encontros, reuniões, e palestras realizadas pela cooperativa.

Além dessa infraestrutura toda, localizada junto a sede, a cooperativa também possui uma filial localizada em Picada Esperança – 7º Distrito deste município, instalada em 2008, essa unidade possui ligação direta com a sede. Nesta unidade ocorre a comercialização de insumos, bem como secagem e armazenagem de grãos e também tem um posto de combustível como aquele localizado junto à sede.

Atualmente, a cooperativa conta com aproximadamente 2950 associados, ou famílias associadas, por geralmente somente uma pessoa por família é associada e com cerca de 120 funcionários distribuídos pela sede, filial e usina de beneficiamento de leite. A Coopar possui uma integração com sindicatos, associações e programas governamentais que faz com que ocorra mobilização em prol de uma causa.

A gestão da cooperativa se dá por meio de um Conselho de Administração, entre estes é escolhido o Presidente, um Vice-Presidente e um Secretário, acompanhado também de um Conselho Fiscal que é composto por três membros titulares e três suplentes, sendo renovados 2/3 por ano. Todos os membros são escolhidos por votação nas assembleias ordinárias que acontecem anualmente para deliberar sobre informações referentes à administração e prestação de contas do ano que passou. A direção da cooperativa permanece por um mandato de três anos, mas o Conselho de Administração também é composto por nove membros titulares e nove suplentes, sendo necessária a renovação de 1/3 por ano deste quadro, impossibilitando assim que um membro fique no cargo por mais de três mandatos consecutivos. Os conselheiros e os fiscais se reúnem mensalmente para acompanhar o andamento das atividades (BORK, 2011, p. 33).

A Coopar também trabalha com a produção orgânica comercializando insumos para esse tipo de produção. O feijão orgânico que é produzido é beneficiado em pacotes de 1 Kg e é comercializado para a Conab através do Programa de Aquisição de Alimentos, para a Rede Zaffari de supermercados e para a alimentação escolar de São Lourenço e municípios vizinhos.

Os associados da Coopar são basicamente agricultores familiares. Agricultor familiar segundo as regras do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar é aquele que não detém área maior a quatro módulos fiscais, no mínimo 80% da sua renda bruta venha da atividade agropecuária, resida na propriedade rural ou urbana próxima e que mantenha até dois empregados permanentes (RESOLUÇÃO Nº 3.559 de 28.03.2008).

A Coopar tem por princípio receber e comercializar somente a produção oriunda de seus associados, mas quando esta é inferior, prejudicada por fatores climáticos, a cooperativa se obriga a comprar produtos de outros para atender a sua demanda.

Para que a cooperativa possa comercializar seus produtos em mercados institucionais ou programas do governo, ela participa de licitações, ou seja, a relação acontece com a celebração de um contrato, o que trás benefícios para ambas as partes, além de segurança em relação ao cumprimento do que está estipulado. Essa relação contratual garante preço e pagamento dos produtos com valores estipulados por eles e a quantidade do produto a ser entregue. Para a empresa que celebra o contrato com a cooperativa, a licitação é uma forma segura de que recebera seus produtos com as qualificações exigidas e nos prazos devidamente estipulados.

Cabe-se ressaltar que a empresa ganhadora da licitação é aquela que apresenta a proposta com o menor valor para a licitante. Os participantes da licitação devem estar cientes dos custos fixos e variáveis utilizados no processamento dos produtos, para que possa ofertar um produto que não traga prejuízo ao ofertante, mas o preço deve ser menor do que o dos concorrentes para que ganhe a licitação.

A cooperativa possui vantagens, principalmente porque seus produtos são adquiridos da agricultura familiar. Um exemplo é um contrato firmado entre a Coopar e a Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul que estabelece a compra de gêneros alimentícios da agricultura familiar para alimentação escolar da rede municipal de ensino.

Além das formas de comercialização já citados acima, os produtos da marca “Pomerano” também são encontrados nos mercados locais. Através de conversas com clientes desses produtos, eles colocam que não adquirem os produtos por preço ou pela marca, mas por ser um produto local.

A Coopar desenvolve um mix de produtos, entre eles: feijão orgânico e convencional, leite em pó, e mais produtos lácteos (ricota; bebida láctea de morango, salada de fruta e pêsego; doce de leite; queijo prato; queijo mussarela; queijo gouda; leite tipo C e creme de leite), arroz através de processo terceirizado. Esse mix de produtos permite atender programas institucionais dos quais vem participando e o mercado local, por que se não tivesse tantos produtos os custos de pedido e entrega não são interessantes financeiramente. Isso ocorre devido aos altos custos envolvidos na fabricação e das pequenas quantidades solicitadas pelos clientes.

O processamento de leite em pó é terceirizado com a Cooperativa Sul-Rio Grandense de Laticínios – Cosulati. O leite é embalado com a marca Pomerano, pois a Coopar recolhe grande quantidade de leite *in natura*, não conseguindo processar toda a quantidade recolhida, então ela vende parte para outras beneficiadoras de leite da região.

6. PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS EM RELAÇÃO À COOPAR

Neste capítulo serão abordados e discutidos os resultados obtidos na pesquisa, que tem como base as informações obtidas no roteiro de entrevista e das entrevistas realizadas com os associados.

6.1 Perfil dos entrevistados

De acordo com o exposto nos procedimentos metodológicos adotados foram coletados dados junto a 20 (vinte) associados que colaboraram com as entrevistas. Conforme a tabela 1 e 2 percebe-se que os entrevistados são majoritariamente do gênero masculino, o que corresponde a 75% dos entrevistados, os outros 25% correspondem ao sexo feminino. Em nenhum dos casos, a mulher era associada da cooperativa, somente o homem. As mulheres que participaram da entrevista são esposas de associados e, por isso tem conhecimentos sobre os processos de participação na cooperativa e suas percepções a respeito da Coopar. Em todas as residências até onde me desloquei, os membros aceitaram participar da entrevista.

Tabela 1: Caracterização dos Associados Entrevistados I

Gênero dos Entrevistados	Nº	%
Masculino	15	75
Feminino	5	25
TOTAL:	20	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 2: Caracterização dos Associados Entrevistados II

Entrevistados	Nº	%
Sócio	15	75
Esposa do Sócio	5	25
TOTAL:	20	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Através da pesquisa realizada, é possível perceber a baixa escolaridade dos associados (Tabela 3). Esse fato deve-se não somente aos associados da Coopar, pois isso é uma situação agregada à realidade na agricultura familiar local, principalmente para aquelas pessoas com faixa etária mais avançada.

Tabela 3: Escolaridade

Escolaridade	Nº	%
Ensino Fundamental Completo	5	25
Ensino Fundamental Incompleto	12	60

Ensino Médio Completo	1	5
Ensino Médio Incompleto	2	10
Ensino Superior Completo	0	0
Ensino Superior Incompleto	0	0

Fonte: Dados da Pesquisa

Sobre a escolaridade, os entrevistados colocam que no passado, não existiam tantas escolas espalhadas pelo município, muitos teriam que sair de casa para estudar, a dificuldade para se sustentar era difícil e o trabalho era pesado, porque não se tinha máquinas, instrumentos que facilitavam o trabalho na roça.

De acordo com MARASCHIN (2004, p. 94) “um produtor com maior grau de escolaridade pode ter uma maior compreensão da estrutura e funcionamento da cooperativa, levando a tomar decisões diferenciadas em relação a um produtor com um nível de escolaridade menor”. O fato de um produtor ter um grau de escolaridade maior não quer dizer que ele será fiel à cooperativa. Nas palavras de MARASCHIN (2004, p. 94) “pelo contrário, por ele conhecer melhor como funciona a estrutura da cooperativa...”(p.94).

Considerando a situação fundiária (Tabela 4) percebe-se que a maioria dos entrevistados são detentores de sua propriedade, alguns arrendam terra e outros trabalham em parceria com pais e irmãos.

Tabela 4: Situação Fundiária

Situação Fundiária	Nº de associados	%
Próprio	16	80
Arrendado	2	10
Parceria	2	10
Outro	0	0

Fonte: Dados da Pesquisa

Outro aspecto importante a ser considerado é a diversidade de atividades agrícolas desenvolvidas nas propriedades dos agricultores pesquisados. De acordo com a Tabela 06 podemos verificar que todos os produtos são oriundos da agricultura familiar, pois além da mão de obra ser totalmente familiar, apresentam uma série de cultivos em cada propriedade.

Tabela 5: Principais atividades desenvolvidas pelos Associados

Atividade	Nº	%
Leite	7	16,27
Fumo	9	20,93
Feijão	3	7
Soja	2	4,65
Milho	18	41,86

Batata	2	4,65
Frango	1	2,32
Criação de Animais	1	2,32
TOTAL:	43	100

Fonte: Dados da Pesquisa

Podemos perceber através da tabela acima que das 20 propriedades visitadas, em 18 propriedades está presente à cultura do milho, uma cultura com mais facilidade de cultivo e mais versatilidade. A cultura do fumo está presente em 9 propriedades e está relacionada a boa remuneração que traz aos agricultores. Já a produção de leite está presente em 7 propriedades e está relacionada com a renda, pois diferentemente da cultura do fumo que só traz recursos financeiros na época de março a julho, enquanto que o leite traz renda todos meses. A cultura da soja está voltando as propriedades pela sua valorização financeira. O feijão e a batata são cultivados essencialmente para produção própria e apenas 1 dos 20 entrevistados ainda cultiva batata para comercialização. Dos 20 produtores entrevistados nenhum deles cria animais para venda, somente para consumo próprio.

6.2 Relação entre associados e Cooper

Conforme já exposto anteriormente, a Cooper foi fundada em 30 de maio de 1992 e tem 20 anos de atuação. Fundada por 41 sócios fundadores, atualmente conta com 2950 associados. A tabela 7 mostra o tempo de relação do associado com a Cooper.

Tabela 6: Tempo (anos) de associação na Cooper

Tempo	Nº
1 – 5	2
6 – 10	4
11 – 15	3
16 – 20	11

Fonte: Dados da Pesquisa

Percebe-se através da tabela acima que 11 dos 20 associados entrevistados possuem um relacionamento que vai de 16 a 20 anos, pois a pesquisa foi realizada em locais próximos à cooperativa e que concentram um maior número de sócios mais antigos.

Questionados sobre os principais motivos que levaram os agricultores a se associarem na cooperativa, pode-se perceber que a razão mais importante foi para comprar insumos, outros fatores também foram citados como a comercialização, onde o produtor consegue tirar nota em seu talão de produtor, participação nos grupos de sementeira de batata, onde a Cooper

fornecia a semente e os agricultores reunidos em grupo produziam e a cooperativa comercializa a produção. Outro fator muito citados foi que na cooperativa o produtor pode armazenar seu produto e vender na época mais propícia. A venda de leite também foi um dos motivos citados pelos agricultores para se associarem na cooperativa. A proximidade entre produtor – cooperativa também é um fator que levou os agricultores a fazerem parte do quadro social da cooperativa. Outro aspecto citado por um dos agricultores entrevistados foi a exploração pelos atravessadores, “antes da cooperativa comprávamos insumos com um alto preço, vendíamos nossos produtos a um baixo preço, mas não tínhamos outra saída”, diz um dos produtores entrevistados que se diz satisfeito com os serviços da cooperativa.

Para ressaltar as potencialidades os produtores foram questionados sobre a seguinte questão: “Como o senhor/a vê a participação na cooperativa: de um modo geral é bom ser associado? (Ou é diferente, ou tem sido ruim?) E por quê?”.

Para essa questão 19 dos 20 associados entrevistados dizem que é bom ser associados da cooperativa, porque os insumos comercializados pela cooperativa são mais baratos, a facilidade de comercialização, proximidade, política de preços justos, armazenagem de grãos, orçamento para financiamento, bom atendimento, ajuda os produtores, realiza palestras técnicas, excursões e pela falta de outro comércio com variados tipos de serviços como a Coopar possui. Apenas um dos entrevistados, vê a participação na cooperativa como variável, porque a cooperativa não trabalha para os pequenos produtores, principalmente os pequenos produtores de leite.

6.3 Vantagens e desvantagens sob percepção dos associados

Os associados também foram questionados quanto às vantagens em serem sócios da Coopar, conforme tabela abaixo.

Tabela 7: Vantagens da Coopar

Vantagens	Nº	%
Comercialização	13	59,1
Insumos mais baratos	2	9,1
Secagem de grãos	3	13,6
Pagamento de insumos na safra	2	9,1
Bom atendimento	1	4,55
Depósito de grãos	1	4,55
TOTAL	22	100

Fonte: Dados da Pesquisa

A vantagem mais citada entre os entrevistados é a comercialização, aparecendo como questões principais: preço justo para a compra de insumos e a opção de depositar e armazenar os produtos para esperar melhores preços para a comercialização. A vantagem de comercializar diversos produtos como soja, milho e feijão também foi uma vantagem citada pelos entrevistados, pois assim os produtores só trabalham com a cooperativa, não precisam de outro intermediário para escoar sua produção. A cooperativa também comercializa diversos produtos como rações, e os produtores, principalmente os produtores de leite desfrutam dessa vantagem para alimentar seu rebanho.

Segundo alguns dos produtos entrevistados, os insumos da Coopar são mais baratos do que em outros estabelecimentos agropecuários, pois muitos dos entrevistados disseram que fizeram saídas para fazer levantamento de preços e ao final chegaram à conclusão que os insumos da Coopar estavam mais baratos.

A secagem de grãos foi outro fator citado entre as vantagens, pois os produtores entregam o produto que sai diretamente da lavoura para a cooperativa, sem pesagem, sem limpeza e sem secagem. Na cooperativa o milho passa pela pesagem, é medida a umidade e a porcentagem de impurezas, esses índices são descontados do peso bruto de cada produtor.

Outra vantagem citada pelos entrevistados é a vantagem de pagar seus insumos na safra, então os produtores vão adquirindo seus produtos na época de plantio e o pagamento é feito na época da colheita, isso facilita para aqueles que não têm condições de comprar a vista seus insumos.

O bom atendimento, tanto na parte de venda de insumos, como de assistência técnica também é um fator que leva vantagem, pois em caso de dúvida na plantação ou doença no rebanho, os produtores sabem para quem pedir ajuda.

Questionados sobre as desvantagens, dos 20 associados entrevistados 15 disseram que não havia nenhuma desvantagem em ser associado do COOPAR, os outros 5 colocaram algumas desvantagens, conforme tabela abaixo.

Tabela 8: Desvantagens

Desvantagens	Nº	%
Não há desvantagens	15	75
Preço do leite	3	15
Produtos da cooperativa são de segunda linha	1	5
Juro muito alto cobrado para pagamentos parcelados	1	5

TOTAL	20	100
-------	----	-----

Fonte: Dados da Pesquisa

A principal desvantagem citada por 3 associados foi o preço do leite que é insatisfatório principalmente para os pequenos produtores.

Outro fator citado como desvantagem é o fato de os produtos que a cooperativa vende são produtos de segunda linha, isso se refere principalmente a instrumento de trabalho como ferramentas e dificultam o trabalho dos produtores e torna a atividade menos lucrativa pelo gasto excessivo com novas ferramentas.

Outro aspecto citado como desvantagem é o alto juro cobrado pela cooperativa para aqueles produtores que compram seus insumos parcelados ou para pagar na safra. Segundo um dos entrevistados, “o juro cobrado é muito alto chega a 1,5% ao mês e muitas vezes as compras são pequenas”.

6.4 Sugestões e Comentários

Os entrevistados foram questionados referentes às sugestões para que a cooperativa pudesse melhorar os serviços prestados.

A falta de qualificação na gestão é um dos comentários dado por um dos entrevistados. Os gestores deveriam ser pessoas com grau de formação maior ou que pelos menos tivessem um curso apropriado para esse tipo o tipo de trabalho a ser desenvolvido.

A sugestão de trabalhar mais para os pequenos agricultores seria uma sugestão para auxiliar mais aqueles que têm uma produção inferior, segundo um dos entrevistados, “a cooperativa foi criada para ajudar os pequenos produtores, mas não é isso que está acontecendo”.

Alguns associados pedem para que aqueles que compram os insumos para sua safra e comercializam toda sua produção para a cooperativa tivessem mais vantagens como insumos mais baratos ou alguma ajuda com frete para aqueles que levam sua produção para a cooperativa de forma própria.

Melhorar os produtos comercializados, principalmente coisas como parafusos, polcas, coisas pequenas, mas que são fundamentais para os associados segundo um dos associados “os produtos são fracos e acabam dando muito prejuízo”.

Ampliação da estrutura também foi uma sugestão dada pelos entrevistados para que não falte insumo para os produtores e para que toda a safra possa ser recebida e armazenada pela cooperativa.

A ampliação do horário de atendimento na época da safra também é uma sugestão dada pelos associados, para que estes não precisam perder muito tempo na fila para descarregar o seu produto.

Remunerar melhor os pequenos produtores e manter preços de comercialização também foi uma das sugestões dadas pelos entrevistados que se dizem insatisfeitos com o preço pago pelo litro do leite e pelos outros produtos comercializados na cooperativa.

Exercer um trabalho com seriedade também é uma sugestão dada.

A maioria dos entrevistados sugeriu que a cooperativa deveria continuar como está, continuar apoiando os agricultores para que estes pudessem sempre ter certeza que poderão comercializar seus produtos.

Questionados sobre os comentários, dos 20 associados entrevistados, 18 colocaram que não havia nenhum comentário e outros citaram como comentário que tem associados que leva mais vantagens do que outros, porque como é uma cooperativa todos os sócios deveriam ter a mesma vantagem.

A falta de participação dos sócios nas assembleias da cooperativa também foi um comentário deixado por um entrevistado, pois segundo ele os associados reclamam, mas ninguém vai a uma assembleia e coloca o fato em público, segundo esse entrevistado é sempre bom reivindicar, principalmente por melhorias, por que se não fosse o associado não teria cooperativa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados colhidos junto a vinte associados que participaram da pesquisa podemos apresentar a análise descrita abaixo.

Em relação ao tempo de cooperativa, pode-se perceber que aqueles que são cooperados há mais tempo tendem a avaliar a atividade de tal forma que se sentiam explorados pelos atravessadores, os insumos do comércio em geral eram muito caros e os produtos comercializados não valiam quase nada, segundo um dos entrevistados, “estávamos completamente na mão dos atravessadores, tínhamos que comprar os insumos deles e vender nossa produção para eles, porque não tínhamos outra saída”.

Os entrevistados que são associados há pouco tempo ou há mais de dez anos viram que ser associados da cooperativa traz inúmeros benefícios, como insumos, comercialização, bom atendimento, ajuda, assistência técnica, proximidade.

Em relação à participação na cooperativa, os produtores se sentiram atraídos por muitos motivos, alguns deles já citados acima e outro foi à falta de outro comércio com esses tipos de serviços.

Em diversos questionamentos aos associados referente à visão que eles tem da cooperativa apontam-se diferentes opiniões sobre potencialidades (vantagens) e limitações (desvantagens). “Não há uma única forma de pensar e interpretar o mundo que seja cabível a uma sociedade, existem diversas maneiras de pensar e ver o mundo, e não se ignora que em um mesmo individuo coexistem várias formas de pensar distintas ou contraditórias” (FACHIN, 2009, p. 74).

As potencialidades na percepção dos associados entrevistados são: preço justo para insumos e produtos a serem comercializados, insumos mais baratos do que em outros pontos de venda, mais proximidade com os agricultores, comercializam diversos produtos (milho, soja, feijão, leite), possibilidade de armazenar a produção para esperar por melhores preços, secagem de grãos, pagamento de insumos na safra.

As limitações apontadas pelos associados entrevistados foram mencionadas: melhor remuneração ao pequeno produtor de leite, muitos dos produtos comercializados são produtos de segunda linha e a taxa de juros cobrada nos pagamentos de safra é muito alta.

Questionados sobre sugestões que deixariam para a cooperativa, 14 dos entrevistados se manifestaram como que queriam que a cooperativa continuasse como está apoiando os agricultores, outros deixaram como sugestão falta de qualificação na gestão, trabalhar mais para os pequenos agricultores, manter preços e comercialização, dar mais vantagem aos

associados que compram insumos e vendem sua produção pra a cooperativa, melhorar os produtos vendidos, ampliar sua estrutura, ampliar o horário de trabalho na época da safra e trabalhar com seriedade.

Sobre os comentários foi deixado dito que tem associado levando mais vantagem que outros, como empréstimo de caminhão da cooperativa somente para alguns associados outros não e a falta de participação dos associados nas assembleias, porque de acordo com FREITAS (2009, p. 05):

O desenvolvimento de uma organização cooperativa...depende veementemente de uma gestão democrática em que os cooperados, na condição de donos e usuários do negócio se reconheçam como tal e manifestem seus interesses e esforços no sentido da coesão de um grupo coletivo, como se deve ser caracterizada uma organização cooperativa (FREITAS, et al, 2009, p. 05).

Considerando as diferentes opiniões apresentadas pelos entrevistados percebe-se que os associados encontravam dificuldade na comercialização e compra de insumos, principal entrave que não levava os agricultores ao pleno desenvolvimento. Com a cooperativa os agricultores puderam comprar insumos e produzir porque sabiam que poderiam comercializar sua produção.

Também se percebe um entrave entre opiniões principalmente em sugestões e comentários deixados por alguns entrevistados, uns acreditam que está bom, outros querem que melhore e isso é importante, a opinião e a participação são fundamentais como citados acima por Freitas (2009).

Por que de acordo com Ricciardi, 1986, explicando o interesse pela participação:

Um ponto importante a ressaltar é que as pessoas só participam daquilo que realmente lhes interessa e daquilo que elas se sentem motivadas a participar. O intercambio entre cooperado e cooperativa estimula o associado a sentir mais confiança e acreditar que é através da união e participação destes que a cooperativa avança e atinge seus objetivos (RICCIARDI, 1986, *apud* ROSALEM e SILVA, s/d p.02).

A participação dos associados em reuniões técnicas e assembleias são muito importantes, pois assim a cooperativa se torna realmente uma cooperativa, os associados devem ir a busca, explanar ideias, participar da direção da cooperativa, pois só assim a cooperativa atingirá seus objetivos e se tornará uma instituição cada vez maior.

O fortalecimento do cooperativismo traz inúmeros benefícios tanto para os associados quanto para a vida em geral da sociedade, e economicamente é mais vantajoso ser associado de uma cooperativa, pois ela consegue oferecer produtos com melhores preços e vantagens para comercialização dos produtos.

A questão central buscava compreender o papel da Coopar para o desenvolvimento rural. Acredita-se que as ações da cooperativa estão fomentando o desenvolvimento rural local, pois a cooperativa tem suas ações voltadas diretamente para a agricultura familiar. Segundo um dos entrevistados “a Coopar está no meio de nós, quando estamos na lavoura e nos falta um insumo vamos lá e buscamos, não precisando se deslocar até a cidade, com a cooperativa ficou tudo mais fácil”.

O cooperativismo busca a construção e a transformação dos associados, para que estes se tornem atores sociais e que tenham a possam escrever sua própria história. De outro lado o contexto governamental que dita leis, regras, mas o fortalecimento do cooperativismo permite que juntos, com objetivos bem definidos se possibilita muitas modificações no contexto local.

Os benefícios da Coopar são inúmeros. Entre eles se destacam os aspectos de comercialização de insumos, escoação da produção, beneficiamento de milho, soja, feijão e leite, secagem e armazenagem.

A Coopar é um importante canal de comercialização na região. Sua inserção no PAA, alimentação escolar, Rede Zaffari, faz com que se agregue valor aos produtos, isso que para os produtores já seria difícil de maneira individual.

Nesse contexto a pesquisa procurou levantar potencialidades que possam ser mais bem exploradas, limitações que podem ser passíveis de uma correção e outros aspectos que podem incentivar mais a participação dos associados.

8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRAMOVAY, Ricardo. Uma extensão para a agricultura Familiar – Anais. Brasília: PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 1997, 222 p.

Banco Central do Brasil. **RESOLUÇÃO Nº 3.559 DE 28.03.2008**. Disponível em: www.fetags.org.br/nx/download/pol_agricola/RESOLUCAO3559.pdf. Acesso em 12/02/2013.

BENECKE, Dieter W. **Cooperação e desenvolvimento: o papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países do terceiro mundo**. Porto Alegre: Coojournal; Recife: Assocene, 1980.

BORK, Flávia Suzana. Caracterização da percepção dos associados na sua relação com a Coopar – Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul. São Lourenço do Sul, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/38141> Acesso: 16 out de 2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Rural. **Cooperativismo**. Brasil, 1996. 33p.

Código Civil Brasileiro – **LEI Nº 5.764/71 e suas alterações**. Disponível em: www.sebrae.com.br.

COSTA, Jairo Scholl. São Lourenço do Sul Cem Anos. 1ªed. São Lourenço do Sul: Corag, 1984. 185p.

CREMONESE, Camila; SCHALLENBERGER, Erneldo. **Cooperativismo e agricultura familiar na formação do espaço agrícola do Oeste do Paraná**. Paraná, 2005. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/viewFile/434/349> Acesso em: 14 dez. 2012

FACHIN, Rosicléia. **Cooperados e cooperativa nas representações e práticas na Coasul Cooperativa Agroindustrial**. 2009, 115 f. Dissertação (Mestre) – Curso de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: www.bicen-tede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=293. Acesso em: 01/05/2013.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, Alair Ferreira de; SAMPAIO, Danilo de Oliveira; MÁXIMO, Marina Silveira; FREITAS, Alan Ferreira de. **A prática institucional da participação em cooperativas: uma**

estratégia de organização do quadro social. Apresentação Oral-Instituições e Desenvolvimento Social na Agricultura e Agroindústria; 47º Congresso da SOBER 26 a 30 de julho de 2009. Porto Alegre/RS

GERHARDT, Tatiana Engel; e SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de Pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 120p.

GIOVANELA, Adriana. A relação entre modelo organizacional e a efetividade de projetos de natureza pública: um estudo de caso da Associação do Agronegócio de Timbó, SC, no período de 2000 a 2008. 2009. 98 f. Dissertação (Mestre) – Curso de Administração, Departamento de Centro de Ciências Sociais Aplicada, Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2009. Disponível em: https://proxy.furb.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2009-08-25T07603Z-535/Publico/Diss%20Adriana%20giovanela.pdf. Acesso em: 23/06/2013.

HAMMES, Edilberto Luiz. **São Lourenço do Sul: Radiografia de um Município – Das origens ao ano 2000**; v.1/ Generalidades sobre São Lourenço do Sul. Edilberto Luiz Hammes. Ilustrações de Edilberto Luiz Hammes. – São Leopoldo: Studio Zeus, 2000. P. 3-108.

HAMMES, Edilberto Luiz. **São Lourenço do Sul: Radiografia de um Município – Das origens ao ano 2000**; v.3/ Economia Lourenciana. Edilberto Luiz Hammes. Ilustrações de Edilberto Luiz Hammes. – São Leopoldo: Studio Zeus, 2000. p. 143-221

LOPES, Roberta. **Cooperativas de agricultura familiar querem mais recursos e nova legislação para o setor.** Disponível em: http://www.cooperaremporugues.org/apcaacooperaremporugues/home/noticias_so.html?SLI_CE_ID=b6cf9dd4b7f0ffe3f965a4c625679. Acesso em: 01/06/2013.

MAIA, Cláudio Machado. **Cronologia da luta pela sustentabilidade:** panorama nacional e internacional. Texto escrito para a disciplina Agricultura e Sustentabilidade – DERAD008. Disponível em: http://moodleinstitucional.ufrgs.br/pluginfile.php/229705/mod_resource/content/0/modulo_2/5_maia.pdf Acesso em: 12/02/2013.

MARASCHIN, Ângela de Faria. **As relações entre produtores de leite e cooperativas: um estudo de caso na bacia leiteira de Santa Rosa** – RS. 2004. 146 f. Dissertação (Mestre) – Curso de Desenvolvimento Rural, Departamento de Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: www.sober.org.br/palestra/12/04O207.pdf. Acesso em: 12/02/2013.

MULLER, Laudemir. Cooperativismo na Agricultura Familiar é tema de Seminário em Brasília. Disponível em: www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2011/09/29/cooperativismo-na-agricultura-familiar-e-tema-de-seminario-em-brasilia. Acesso em: 12/02/2013.

PANZUTTI, R. **Estratégias de financiamento das cooperativas agrícolas no estado de São Paulo: Caso da Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia**. São Paulo: 1997.

PEDROSO, Ízula Luiza Pires Bacci; JUNIOR, João Cleps. **Produção Familiar e Associativismo**: modos de vida e reprodução socioeconômica da comunidade rural de Taquaruçu Grande – Palmas (TO). Campo-território: revista de geografia agrária, v. 3, n. 5, p. 162-194, fev. 2008.v..

RIBEIRO, Kleber Ávila; SILVA, Joelma Fabiana Barros Da. **A importância das cooperativas agropecuárias para o fortalecimento da agricultura familiar: o caso da Associação de produtores rurais do Núcleo VI – Petrolina/PE**. Petrolina, 2011. Disponível em: www.facape.br/artigos/Artigo18.pdf Acesso em: 24 out. 2012.

ROSA, S. L. C. **Agricultura familiar e desenvolvimento local sustentável**. Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural (XXXVII, Foz do Iguaçu, ago, 1999).

ROSALEM, Vagner; e SILVA, Edson Arlindo. **A Percepção dos Cooperados Acerca da Gestão de Cooperativas**: Um Estudo em uma Cooperativa de Granjeiros. Disponível em: http://professores.aedb.br/seget/artigos08/46_A%20Percepcao%20dos%20Cooperados%20Acerca%20da%20Gestao%20de%20Cooperativas%20Um%20Estudo%20em%20Uma%20Cooperativas%20de%20Granjeiros.pdf. Acesso em: 01/05/2013

SCHNEIDER, José Odelso. Globalização, Desenvolvimento local sustentável e cooperativismo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Instituto Humaitás/UNISINOS. Disponível em: www.neticoop.org.uy/IMG/pdf/dc0380.pdf Acesso em: 16/02/2013.

SEBRAE MG. **Cultura da Cooperação**. Disponível em: <https://www.sebraeminas.com.br/culturadacooperacao/index.htm>. Acesso em: 16/02/2013.

Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul – SESCOOP/RS. A Expressão do cooperativismo gaúcho. Jornal O Interior, Porto Alegre, dez. 2012. Nº1036, p. 2.

SETTE, Ana T. de Miranda e S.; SETTE, Ricardo de Souza; SOUZA, Magno de. **A organização cooperativa sob ótica dos cooperados**. Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/2/952.pdf>. Acesso em: 21 out. 2012.

SILVA, EDSON Arlindo; PEREIRA, José Roberto; BOTELHO, Maria Izabel Vieira. **A organização cooperativa e seus princípios democráticos**. Minas Gerais, 2005. Disponível em: www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/viewArticle/195 Acesso em: 21 out. 2012.

SILVA, Emanuel Sampaio Silva; SALOMÃO, Inessa L.; MCLNTYRE, Jimmy Peixe McIntyre; GUERREIRO, João; PIRES, Maria Luiza Lins e Silva; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto; BERGONSI, Sandra S. S.; e VAZ, Sidney da Conceição. **Panorama do Cooperativismo Brasileiro: História, cenários e tendências**. Região Cone Sul (parte norte) UniRcoop. Vol. 1, # 2, 2003. 75 a 102.

SINGER, Paul. **Uma outra economia é possível**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Uemerson Rodrigues de; BRAGA, Marcelo José. **Diversificação concêntrica na cooperativa agropecuária: um estudo de caso da COMIGO**. São Carlos, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v14n1/13.pdf>. Acesso em: 28 out. 2012.

VANDERLINDE, Sebastião. Condições “Ideais” para a implantação de cooperativas de crédito. In: RISSON, Claudio; JUNIOR, Egon Gabriel; e PAULI, Jandir (Org.). **Desenvolvimento, democracia e gestão de crédito: a agricultura familiar em debate**. Passo Fundo: IMED, 2009. 342p.

WOJAHN, Ellemar e MARTINEZ, Ernesto. **A Cultura da cooperação na agricultura familiar**. Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2008. 44p.

ZYLBERSZTAJN, Decio. **Organização de cooperativas: desafios e tendências**. São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.rausp.usp.br/busca/artigo.asp?num_artigo=345 Acesso em: 21 de out. de 2012.